



UMA PARCERIA ANTIGA COLOCADA EM DISCUSSÃO

As novas configurações da soja no Rio Grande do Sul, que avança em área a cada novo ciclo de verão, colocam em discussão a relação de um antigo casamento dos campos gaúchos: a rotação com o trigo, no inverno, que começa a ser alterada.

Para não atrasar o plantio de soja – que vem sendo antecipado para o começo de outubro, quando o período tradicional costuma ser novembro –, produtores estão deixando de semear a principal cultura da estação do frio.

– Esse é mais um fator que está restringindo a produção de inverno. A gente

usa muito pouco do potencial que existe – afirma João Leonardo Pires, doutor em fitotecnia e pesquisador da Embrapa Trigo.

Dados apresentados por Pires no ciclo de palestras do agronegócio realizado por Zero Hora em Santo Angelo, nas Missões, mostram que, na região sul do país, apenas 18% da área é aproveitada durante a safra de inverno – no Rio Grande do Sul, esse percentual é levemente superior, 19%.

– O casamento da soja com o trigo sempre foi viável, e agora está se discutindo a relação – compara Pires.

Fazendo as vezes de “terapeuta”, a pesquisa busca formas que ajudem a

manter essa parceria, sem comprometer a relação. Entre as estratégias testadas, o ajuste genético de cultivares e a época de semeadura aparece como uma das mais promissoras para fazer a adaptação ao novo calendário trazido pela soja.

– Não é que o produtor seja apaixonado pela soja, é uma questão econômica. Soja se vende até domingo de noite. Produtor não tem mais poupança, tem grão depositado em cooperativas – observa Paulo Pires, presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado (Fecoagro-RS).

Fica, no entanto, a lembrança de especialistas de que é preciso dispensar

cuidados ao solo – prerrogativa que em muitos casos está ficando de lado.

– A soja está entrando em áreas sem aptidão – alerta Edegar Streck, doutor em ciência do solo e assistente técnico da Emater, que está ajudando na elaboração do Programa Estadual da Gestão de Solo e Água em microbacias, que será lançado pela Secretaria da Agricultura.

Assim como na crise de qualquer casamento, para acomodar a parceria entre soja e trigo não existe receita pronta e nem verdades absolutas. O produtor precisa avaliar a lavoura e tomar a decisão mais adequada à sua realidade.

POR UM NOVO RITMO

Enquanto o Brasil chega a 57% da área a ser registrada no Cadastro Ambiental Rural (CAR), o Rio Grande do Sul tenta recuperar o tempo perdido. No levantamento divulgado pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB), o Estado ainda aparece na lanterna entre todas as unidades da federação – com 2% da área cadastrada. De todas as propriedades gaúchas a serem registradas, 480 mil, até agora 21.305 foram cadastradas – o equivalente a 4,3%.

– As regiões que estavam com menor adesão tiveram incremento considerável. O Rio Grande do Sul, após a aprovação da regulamentação estadual, demonstra que irá retomar o ritmo – avalia o diretor do SFB, Raimundo Deusdará Filho.

Com as regras específicas do Bioma Pampa publicadas em decreto estadual no mês passado, agora falta ainda fazer adaptações no sistema.

30,55%

é o percentual de colheita da segunda safra de milho, a chamada safrinha, no Mato Grosso. O levantamento é do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea).

AGRICULTORES FAMILIARES QUE ACESSAREM O PRONAF PARA PRODUZIR 16 CULTURAS TERÃO DESCONTO NO PAGAMENTO DOS FINANCIAMENTOS. A INICIATIVA, ANUNCIADA PELO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA), VALE PARA AS SEGUINTE CULTURAS: AÇAI, ALGODÃO EM CAROÇO, AMÊNDOA, BANANA, BORRACHA NATURAL CULTIVADA, CACAU, CANA-DE-AÇÚCAR, CASTANHA DE CAJU, FEIJÃO, LEITE, MARACUJÁ, MILHO, RAIZ DE MANDIOCA, SORGO, TRIGO E TRITICALE.

NO RADAR

A tributação do milho que vem de outros Estados – o Rio Grande do Sul não é autossuficiente e precisa trazer o produto de fora – aliada a políticas públicas seria, na avaliação do presidente da Fecoagro, Paulo Pires, uma forma de estimular a produção gaúcha. O milho vem perdendo espaço para a soja na safra de verão.

Colaborou Joana Colussi



Foto: Imagem, ABCCC, Imagem

Últimas vagas

Solidificando a expansão do cavalo crioulo no Sudeste, a penúltima classificatória à final do Freio de Ouro foi encerrada ontem em Itu (SP), uma das localidades em que raça mais cresce no país. A última chance para carimbar o passaporte para a decisão da disputa, durante a Expointer, será em Brasília, a partir de quinta-feira.

Entre os machos, a vitória foi de Estribero Simpatia (foto), da Fazenda Rio das Pedras, de Guarapuava (PR). O segundo lugar ficou com

Farandola da Mangureira Velha, da Cabanha Cinco Estrelas, de Braço do Norte (SC). As outras duas vagas foram de Farrapo da Maior, da Cabanha Maior, de Painel (SC), e Empurrão da Tamanca, da Agropecuária São Diogo, de Rio Grande.

Nas fêmeas, apenas três animais garantiram vaga. Venceu Altaneira do Purunã, da Estância Tamareira e Sierra Bessa, de Santa Rita do Passa Quatro (SP), seguida por Algazarra do Purunã, da Cabanha São Rafael, de Balsa Nova (PR), e Ligeira Mapocho, da Cabanha Profecia, de Santo Antônio do Pinhal (SP).

PARANÁ EM TEMPO DE DECISÃO

Decidido a mudar de status sanitário, para zona livre de aftosa sem vacinação, o Paraná ainda define se mantém a projeção inicial, de retirar a vacina em 2015, ou se espera para o próximo ano.

Novos agentes para a defesa foram nomeados e passarão por treinamento em breve.

– Marcaremos auditoria para definir quando

vamos parar de vacinar. Não pode passar de agosto – explica Inácio Afonso Kroetz, diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná.

É que, se optar por fazer a segunda etapa de imunização – a primeira foi realizada em maio –, o Paraná precisará de tempo para organizar a campanha, em novembro.